

# Muito Além das Preces: O sagrado e a religião em Jessier Quirino

Arão de Azevêdo Souza\*

## Índice

1 O homem e sua condição cultural	1
2 Entre sagrado, religião e literatura	2
3 O rural e o urbano: possibilidades de ressignificação do sagrado e da religião	3
4 Muito “Além das Preces”	4
5 Referências	6

## 1 O homem e sua condição cultural

Desde o início deste século que as questões ambientais têm tomado, com uma incidência maior, os programas televisivos, as discussões políticas e científicas; pautados pelas mudanças climáticas, vários países têm se unido em torno de tratados internacionais e leis para assegurar uma condição de vida melhor para a humanidade, num futuro que se iniciou há anos atrás. Em torno dessas discussões, não há pedidos para Deus, realização de cultos ou sacrifícios. E se há, não têm tido ressonância nas discussões que pautam o cidadão na contemporaneidade. É como se os processos de civilidade das cidades mo-

dernas levassem os homens a uma situação de reflexão na qual apenas a razão impera, não dando lugar para o sagrado ou a religião. Para Galimbert (2003, p. 14),

A razão assinala o grande afastamento do humano com o relação ao sagrado, não porque, como superficialmente se acredita, com ela os homens podem conseguir por si mesmos o que uma vez eram obrigados a implorar aos deuses, mas porque a técnica expõe o cenário das diferenças que, no âmbito do sagrado, são desconhecidas e ignoradas.

A fé e a razão, para Galimberti, podem caminhar lado a lado, pois a fé reconhece a “autonomia da razão”, desde que essa não quebre a harmonia. “Assim, a razão é autônoma enquanto não contraria a fé, mas, quando a harmonia fica comprometida, a razão deve renunciar à sua autonomia (p. 332).

Nem mesmo as notícias de derretimento do gelo polar ártico, do aquecimento global, da escassez d’água e das doenças de pele provenientes da ação dos raios ultravioleta levassem os homens a uma reflexão sobre sua condição humana. Na verdade, é como se não houvessem inquietações sobre um plano espiritual.

---

\*Jornalista e Professor da Universidade Estadual da Paraíba e mestrando do programa de Mestrado em Literatura e Interculturalidade da UEPB.

Para o homem do meio rural, principalmente da região Nordeste, a relação, de certa forma, se altera. Mas não com relação ao derretimento do gelo polar ártico ou do aquecimento global. As suas angustias são pontuadas pelas condições naturais, bastante oscilantes entre inverno e verão - as “quatro” estações do Nordeste. A poesia de Catulo da Paixão Cearense reflete muito bem a situação das chuvas e da seca; onde ele diz chover, que chova de mansinho. Clama, após pedir chuva para amenizar a seca que castigava e o inverno se tornar impiedoso, atrapalhando o período da colheita.

Entre a relação com o inverno e o verão, entram os santos. São José, dia 19 de março; São João dia 24 de junho e São Pedro, dia 29 de junho. Ambos relacionados ao período do início chuvoso e o período da colheita. Qualquer alteração na estação das chuvas é sinal de lamento para o homem rural nordestino.

Acostumado a situações extremas, o homem nordestino, assim como a própria região, tem inspirado poetas, escritores, jornalistas, sociólogos, antropólogos, cineastas. Viver no Nordeste, principalmente no Sertão, é viver de extremos. É viver entre a fé e a sobrevivência. Fato que se explica pela grande quantidade de devotos do Padre Cícero Romão, Frei Damião, Padre Ibiapina, entre outros.

Caracterizado como um forte em Os Sertões de Euclides da Cunha e retomado por João Cabral de Melo Neto em Morte e vida Severina, como muitos e portadores de um mesmo destino, quando diz “Somos muitos Severinos (...) iguais em tudo e na sina”<sup>1</sup>, o sertanejo se contrapõe ao homem da cidade

<sup>1</sup> In. Obras completas. MELO NETO, João Cabral. Rio de Janeiro: ed. Nova Aguillar, 1999.

ao temer ou associar as questões naturais e as implicações das ações do homem na natureza ao plano da religião. Orações, promessas e pedidos são armas para lutar contra essas “sinas”.

## 2 Entre sagrado, religião e literatura

Não há povo, por mais primitivo que seja, em que não se veja a religião, MALINOWSKI apud SILVA (2004, p. 55). Quanto mais distante dos processos que formam as sociedades modernas, mais próximos do sagrado e da religião os homens se encontram. De certa forma, quando não há explicação para fatos naturais ou catástrofes, o apelo ao sagrado ou a religião cumpre uma função de dar respostas a determinados fatos.

O sagrado, de acordo com Otto (1992), é uma categoria de interpretação e avaliação *a priori*, e, como tal, somente podemos remetê-la ao contexto religioso. Já a “religião não se esgota nos seus enunciados racionais e em esclarecer a relação entre os seus elementos, de tal modo que claramente ganha consciência de si própria (p. 12).

Para Durkheim (1996, p.4), os homens foram obrigados a criar para si uma noção do que é a religião, bem antes que a ciência das religiões pudesse instituir suas comparações metódicas. Durkheim, classifica a religião como “um sistema mais ou menos complexo de mitos, de dogmas, de ritos, de cerimônias” (p. 18). De certa forma, há situações em que o sagrado se torna parte da religião, através dos objetos dos cultos, das missas; e, em outras, o sagrado assume uma postura isolada, sem os princípios religiosos. Para Otto (1992), o sagrado pode ser explicado

em sua própria categoria (religiosa), mas há situações em que ele escapa a uma apreensão conceitual, podendo ser entendido a partir do sentimento *numinoso*.

De acordo com OTTO, o sentimento numinoso é aquele expressado a partir da experiência religiosa, da experiência do sagrado. “Trata-se de um estado afetivo específico. Além da emoção convencional, o sentimento numinoso em si é o que escapa à razão conceitual: só é possível apreendê-lo na medida em que observamos a reação por ele provocada”<sup>2</sup>.

O *numinoso* pode ser compreendido, também, nas relações estabelecidas entre o homem e a natureza. Entre o homem sertanejo e o local da sua cultura. Árvores, encruzilhadas, animais como o gado, bode, o cachorro são tidos por seus donos, em alguns casos, como “membros” da família. A sua relação torna-se sagrada, os quais, mesmo contrariando a lei da sobrevivência, acabam envelhecendo e morrendo sem serem abatidos.

Na junção entre o sagrado e a religião entre o homem e a terra, encontra-se a literatura. A relação entre literatura e religião é antiga e natural na literatura ocidental, como nos aponta o professor Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães no artigo **Religião e Literatura: possibilidades de relação** debatido durante a disciplina Literatura e Sagrado do MLI<sup>3</sup> ministrada por ele e pelo professor Dr. Eli Brandão Silva. Para o professor, “literatura e religião estão dentro dos caminhos da cultura, a qual, por sua vez, não existiria sem

<sup>2</sup> In: O Sagrado e a Religião. Disponível em [http://www.geog.ufpr.br/geografiadareligiao/arquivos/o\\_sagrado\\_e\\_a\\_religiao-aula.pdf](http://www.geog.ufpr.br/geografiadareligiao/arquivos/o_sagrado_e_a_religiao-aula.pdf)

<sup>3</sup> Mestrado em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, em outubro de 2007.

o papel definitivo que a religião teve e sem as expressões que produziu nos diferentes séculos da trajetória humana”. Silva (2004) coloca que essa relação revela “encontros e desencontros”, mas que “a convivência entre ambas foi quase sempre amistosa” (p. 51).

### 3 O rural e o urbano: possibilidades de ressignificação do sagrado e da religião

O homem, por mais primitivo que seja, deixa transparecer a sua religião, os seus cultos, os seus objetos sagrados. No espaço urbano, a religiosidade do homem se firma e se afirma a partir da produção industrial da religião e de objetos sagrados. Quando os espaços das igrejas não mais atendiam às necessidades do homem urbano, devido ao cansaço do trabalho, a distância, as questões financeiras, nasce, através dos meios de comunicação de massa, uma infinidade de acesso às igrejas, aos templos. Durante a programação das TVs abertas e das emissoras radiofônicas, vários programas se propõem a orientar os seus fiéis. Há, também, os sites na internet que oferecem até a possibilidade de se acender velas virtuais e fazer orações, preces, pedidos.

No dizer de Berger (2004) nasceriam, assim, os cristãos de nome. Indivíduos que podem de mudar de opinião a qualquer momento, o que representa uma fissura para as religiões. Já para Magalhães (2007, p. 3), “a modernidade representa um abalo no poderio da religião”. E que, “somente na modernidade houve a tentativa insistente de pensar a vida e o seu sentido sem Deuses e sem religião” (p. 3).

Se no espaço urbano, a fragmentação do sujeito moderno (STUART HALL) se torna um problema para a religiosidade desse cidadão, no espaço rural, as novas tecnologias têm possibilitado um novo caminho de acesso às missas e cultos. O homem rural tende a se apegar mais a religião, ao sagrado pois eles vêm na religião uma possibilidade de amenizar ou procurar respostas para os seus sofrimentos. Na seca, pedidos aos santos para chover; no inverno, o culto aos santos para agradecer a colheita. Assim, a modernidade vive ao lado das experiências medievais e primitivas e o homem moderno vive uma busca de sentidos. Ou, como aponta Magalhães, vivemos, hoje, duas modernidades que podem abalar o poder da religião: a modernidade religiosa e a modernidade atéia. A primeira se alimenta da própria religião e lança sua autocrítica; a segunda, é atéia “enquanto metodologia, projeto e ambição” (2007, p.4), pois a religião seria um obstáculo ao fazer-se humano.

#### 4 Muito “Além das Preces”<sup>4</sup>

Para Silva (2003, p. 144), só se deve entrar no texto através dele mesmo. Através das brechas, fissuras ou ranhuras do texto é que devemos propor um olhar de interpretação dele mesmo. Entendemos que cada leitor, mediante as suas experiências de vida e, a partir daquilo que o texto sugere, irá julgar e tirar suas conclusões e assim ampliar o seu desenvolvimento cognitivo.

Neste sentido, Ricoeur (1995) diz que o leitor poderá identificar as pegadas deixadas

<sup>4</sup>In: Prosa Morena. Quirino, Jessier. Recife: Baço, 2001, p. 120.

no próprio texto e seguir suas instruções e (re)construir um novo universo simbólico.

O texto é como uma partitura musical e o leitor como o maestro que segue as instruções da notação. (...) compreender não é apenas repetir o evento do discurso num evento semelhante, é gerar um novo acontecimento, que começa com o texto em que o evento inicial se objetou (RICOEUR, 1995, p. 121).

Em nosso estudo, a entrada para analisarmos o poema de Jessier Quirino<sup>5</sup> “Além das Preces” é o próprio título e a ambivalência que o advérbio “além” nos propicia. Assim, temos um advérbio que nos passa a idéia de que existe algo depois das preces, uma força superior que, de certa forma, sustenta e reforça os pedidos, as orações, a própria “prece”, e que nos leva a avaliar que há algo que ultrapassa a própria religião. Há algo de sagrado, já que a própria “prece” não é suficiente para atender as aflições. O além não seria, necessariamente um abandono do passado e nem um novo espaço, mas, sim, entendemos como uma outra possibilidade a se juntar às preces.

Desde há muito tempo que o homem é politeísta. Grécia e Roma são exemplos de civilizações que refletem esse caráter plural do pensar humano na busca de um equilíbrio espiritual. Nas sociedades indígenas a situação não difere. O culto a lua e ao sol e aos elementos naturais representam uma forma de explicar ou punir as suas relações cotidianas. Um eclipse da lua com o sol, durante o dia, pode significar, para eles, um castigo.

Quando Roma foi invadida pelos Visigodos, em 410, a cidade sofreu dois abalos:

<sup>5</sup> Para mais informações sobre a obra completa do autor, acesse <http://www.jessierquirino.com.br>

o primeiro, foi o da própria invasão; o segundo, o conflito religioso entre os cidadãos, onde alguns cristãos culpavam o cristianismo pela queda da cidade. Segundo eles, o Deus de amor dos cristãos tinha-se mostrado incapaz de proteger o império. A destruição de Roma seria, na verdade, castigo dos deuses pelo fato de os romanos os terem abandonados por causa do Deus dos cristãos<sup>6</sup>. Essa fato levou Santo Agostinho e escrever *A Cidade de Deus*.

Composta de 22 volumes, Santo Agostinho refuta a idéia de abandono do Deus dos cristãos e de que seria o responsável pela queda de Roma.

Agora, posto que a seguir, como o exige a ordem prescrita, temos de refutar e ensinar os que sustentam que os deuses dos gentios, desvirtuados pela religião cristã, não devem ser adorados pela presente vida, mas por amor à vida que há de seguir à morte, apraz-me dar princípio a minhas palavras pelo verídico oráculo do Salmo: sagrado: Bem-aventurado aquele cuja esperança é o senhor e não deteve seus olhos em vaidades e loucuras mentirosas<sup>7</sup>.

Santo Agostinho desenvolve a teoria de que há duas cidades: a cidade terrena e a cidade celestial. Para ele, o amor próprio levado ao desprezo de Deus teria criado a primeira cidade; O amor a Deus, levado ao desprezo próprio teria criado a segunda cidade.

Na poesia de Jessier Quirino, identifica-se a convivência do sagrado com a religião

<sup>6</sup> O Sagrado e a religião. Disponível em [http://www.geog.ufpr.br/geografiadareligiao/arquivos/o\\_sagrado\\_e\\_a\\_religiao-aula.pdf](http://www.geog.ufpr.br/geografiadareligiao/arquivos/o_sagrado_e_a_religiao-aula.pdf)

<sup>7</sup> Emanuel Carneiro Leão. *Fé Cristã e História*. In: Santo Agostinho, *Sto. A Cidade de Deus*. Trad. Oscar Paes Lemes. 7<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002, p.234.

e uma angustia sentimental provocada pelo incontentamento com a falta de proteção do Deus cristão e o sofrimento ocasionado pela falta da chuva e a chegada da seca.

*A triste seca já voltou  
E a asa-branca agourou e já bateu a asa  
Plantação defunta no oitão de casa  
O chão em brasa a triste seca já voltou.*

No Nordeste brasileiro, principalmente nas regiões do Semi-Árido, a seca, caracterizada pela sazonalidade das chuvas ou pelo atraso do inverno, que geralmente começa no mês de março, é a principal responsável pelo sofrimento do homem sertanejo. A relação buscada pelo sertanejo é de buscar na própria natureza uma forma de compreensão, onde o canto de certos animais servem de alerta para o início da seca; assim como a floração do mandacaru serve sinal para o início da inverno. Não há alegria na seca, apenas a tristeza e certeza que mais cedo ou mais tarde ela irá voltar.

Na poesia Quiriniana, quando a própria fé já não atende a tanto sofrimento, o homem busca nos elementos da natureza uma solução, transforma-os em divino, com poder de ajudá-lo.

*Ô arco-íris sobre um vento colorido  
Que o verde do teu vestido  
Se espalhe na plantação  
Que o amarelo seja puro e adocicado  
Que a brancura seja a cor da floração  
E que o vermelho sejam flores parecidas  
Com os beicinhos das luzidas caboclinhas do sertão.*

Jessier Quirino coloca o arco-íris, como uma mulher, uma deusa, e não como um homem, um Deus. O arco-íris representa o

verde, a água, a chuva; pois não há arco-íris sem que haja o princípio de uma invernada. O verde seria a esperança, a floração. O amarelo, as frutas. O branco significa o florar de cajus, mangas, umbuzeiros, a certeza de alimentos. Já o vermelho assume uma conotação de amor, pois se há o que comer, se há água, pensa-se em namorar, casar, ter filhos. O inverno para o sertanejo é como um casulo, a partir dele, tudo se renova, se transforma e se recria.

Mas se a chuva é tudo isso, a falta dela, a seca, é um sofrimento só.

*Que não se veja um sertanejo se ajoelhando  
Pedindo chuva ante Cristo sonolento  
Que não se veja solo rachado e sedento  
E sem sustento as rezas se ajoelhando.*

Lançado por terra, o sertanejo de Quirino sofre e não quer ver um semelhante sofrer, ajoelhar-se. O mesmo sentimento é colocado para os animais, que, de cede, ajoelham e morrem. É importante observar que ao ser pronunciado o verso “*pedindo chuva ante Cristo sonolento*” a preposição **ante** se aglutina com o substantivo **Cristo** formando a palavra anticristo, uma força que se opõe a Cristo, a tudo que é do cristianismo.

Galimberti (2003, p. 154) ao discutir a *Teoria della religione* de George Bataille<sup>8</sup> diz que

O único caminho que conduz ao sagrado é aquele que passa pela negação do Deus perfeito, como proposto pelas religiões históricas e especialmente pelo cristianismo que, interrompendo a descontinuidade preconizada pelos antigos entre o profano e o sagrado, portanto, entre proibição e transgressão, “profanou o templo”, introduzindo o

mundo sagrado na linha contínua do mundo profano. Por isso, segundo Bataille, o cristianismo não tem nada de religioso, por que não tem nada de sagrado, nada do que está além da proibição, nada do mundo da transgressão.

Jessier Quirino, em sua poesia, nega o “Deus perfeito” e se apegua ao sagrado, assim, o arco-íris cumpre o papel que o Deus cristão não mais cumpre.

[...]  
*Ô arco-íris sobre um vento colorido  
Que as fitas do teu vestido faça uma festa de cor  
Eu quero ver resina de catingueira  
Ser um chiclete na boca do meu amor  
E que a sanfona toque um xote na colheita  
Pra dança das borboletas enfeitadeiras de flor.*

Ao repetir o verso “*Ô arco-íris sobre um vento colorido*” o poeta reforça a sua crença nos poderes do arco-íris. A poesia que começa com a chegada da “triste seca” termina com o ritual da colheita, onde o homem, desde a antiguidade festeja a boa colheita, com música e dança. Para Galimberti (2003, p.202), a música é a graça do universo.

Jessier Quirino em *Além das Preces* apresenta um sertanejo descrente do Deus cristão e se apegua aquilo que na natureza representa o inverno, a chuva, e assim faz do homem calejado das “tristes secas” um homem que busca na própria natureza a resposta para os seus problemas terrenos. Assim, Feuerbach apud Galimberti (2003, p. 97) diz que a consciência que o homem tem de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo.

O homem sertanejo retratado na poesia, é um ser que quer o bem comum, mas é um homem que crer mais no sagrado do que no religioso.

<sup>8</sup> B. Bataille *Théorie de la religion* (1976), tr. it. *Teoria della religione*, Capelli, Bolonha 1978.

## 5 Referências

- BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas (orgs). *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. trad. Edgar Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- GALIMBERTI, Umberto. *Rastros do Sagrado*. trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2003.
- MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo. *Religião e Literatura: possibilidades de relação*. In. Mestrado em Literatura e Interculturalidade/UEPB. Outubro de 2007.
- MELO NETO, João Cabral de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguillar. 1999.
- OTTO, R. *O sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- QUIRINO, Jessier. *Prosa Morena*. Recife: Bagaço, 2001.
- RICOUER, Paul. *Teoria da Interpretação*. Porto: Porto Editora, 1995.
- SILVA, Eli Brandão. *O Nascimento de Jesus-Severino como revelação da esperança: leitura na ponte entre teologia e literatura*. In: SWARNAKAR, Sudha (org). *Tecidos Metafóricos*. João Pessoa: Idéia/Imprima, 2003.
- SILVA, Eli Brandão. *O símbolo na metáfora: fronteira entre o literário e o teológico*. In: SILVA, Antonio de Pádua